

à procura de um bom projeto

questão: como a profissão tem enfrentado os novos desafios da sociedade?



A paisagem urbana do Brasil revela as nossas contradições arquitetônicas: o arrojo de estilo pode conviver com a agressão de uma selva de pedras.

Desde os anos 20, quando ensaiou os primeiros e revolucionários passos modernistas, até os anos 60, quando fez de Brasília um símbolo internacional de originalidade e arrojo, a arquitetura foi uma das atividades culturais que mais prestígio conquistaram para o nosso país no exterior. Falava-se de um estilo arquitetônico brasileiro com a mesma inconfundível certeza com que se identifica o "design" escandinavo ou o cinema americano.

Em meio século, a arquitetura brasileira construiu uma fama que parecia ter-lhe destinado um papel de destaque dentro do nosso desenvolvimento urbano, cultural e econômico. Um papel de agente, não de paciente. O Brasil, país da moderna arquitetura, seria também o paraíso dos arquitetos.

Surpreendentemente, isso parece não ter acontecido. No momento em que se discutem as formas do desenvolvimento urbano, quando se agravam os problemas das cidades, os nossos arquitetos, apesar do vertiginoso ritmo da construção civil e do "boom" imobiliário, participam apenas de 3% a 5% do processo de construção no Brasil. Calcula-se que no eixo Rio—São Paulo não há a intervenção efetiva do arquiteto em 90% das construções. E mais, o que representa um fato quase inacreditável: o país conseguiu implantar, através do Banco Nacional da Habitação, um fantástico plano de habitação de massa sem praticamente contar com a colaboração da arquitetura brasileira.

O que estará levando uma nação como o Brasil, tão carente de quadros qualificados, a prescindir da contribuição de um profissional superior como o ar-

quiteto? Ou o problema será da arquitetura? Na verdade, ela vem sofrendo algumas críticas ultimamente: é acusada, por exemplo, de estar abusando de um certo maneirismo do concreto aparente, de exagerar no uso do vidro, de não estar aproveitando materiais que a nossa indústria já lhe oferece, de não levar em consideração o nosso clima, de ser mais escultura do que arquitetura, de importar modelos estrangeiros, de ser um pastiche de si própria. Enfim: de não se estar, em consequência de um excesso de formalismo, adequando às nossas mais urgentes necessidades.

O impasse está posto e, com o intuito de ajudar a resolvê-lo, VISÃO selecionou dez arquitetos de várias tendências, escolas e posições e propôs a seguinte questão:

"A arquitetura contemporânea tem respondido de maneira satisfatória aos desafios propostos pela nova sociedade brasileira, em termos sociais, urbanos, econômicos, estético-culturais, tecnológicos e de formação profissional?"

A síntese dos depoimentos constitui um rico e variado painel sobre a nossa arquitetura contemporânea, a partir da reflexão e da crítica, ou autocrítica, de alguns de seus mais expressivos nomes. Às vezes controversas e polêmicas, essas opiniões parecem convergir para um ponto: se a arquitetura ainda não respondeu adequadamente, foi porque nada lhe perguntaram. Ou perguntaram muito pouco.

Foto Delljim Martins



1



Foto Salomon Cytynowicz

2

Foto Mauricio D. Bacellar

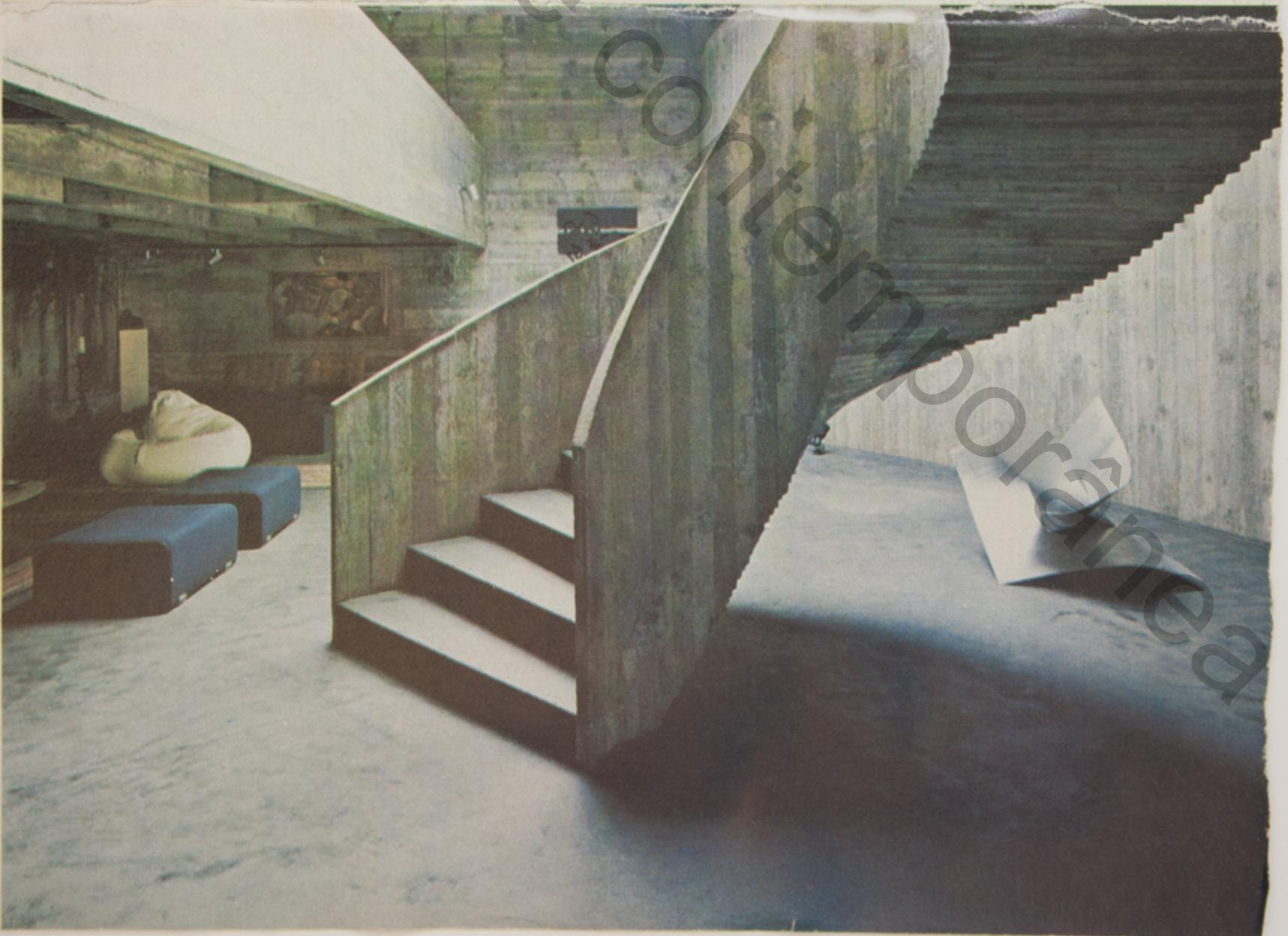


3

4

- 1. O ancinato dos grandes conjuntos habitacionais em Guarulhos, São Paulo.
- 2. Quartel-General do Exército, Brasília, projeto de Oscar Niemeyer.
- 3. Casas construídas na mesma época revelam tendências de estilo bem diferentes.
- 4. Residência, projeto de Paulo Mendes da Rocha, São Paulo.

Editora Três, Dulce Carneiro





Além do mais a estatização

Maurício Roberto dirige no Rio o escritório que, sucedendo ao que mantinha com seus irmãos (M.M.M. Roberto), é responsável por algumas obras pioneiras da arquitetura brasileira: edifício da Associação Brasileira de Imprensa, Aeroporto Santos Dumont, sede do Instituto dos Industriários, entre outras. O seu projeto para o Instituto de Resseguros do Brasil já foi destacado internacionalmente como exemplo de arquitetura, assim como a Colônia de Férias da Tijuca foi classificada, na Inglaterra, entre as dez primeiras obras de arquitetura contemporânea no mundo. Entre seus últimos trabalhos destacam-se o Plano de Desenvolvimento Integrado de Caxias, Rio; o Plano de Desenvolvimento Integrado da Microrregião de Vitória; o Plano Físico-Urbanístico e Turístico, acompanhado da diretriz da estrada Niterói—Rio das Ostras; e o Plano Urbanístico da Área de Alagados

A arquitetura não tem respondido aos desafios propostos pela nova sociedade brasileira simplesmente porque não tem sido solicitada. Há duas grandes demandas: da classe média para baixo, que deveria ter sido atendida pelo BNH, mas não foi; e da classe média para cima, que em grande parte está nas mãos da especulação imobiliária. Sobram mais ou menos 5% de programas — edifícios administrativos, hospitais, etc. —, onde os arquitetos têm participado. Se em 95% da demanda os arquitetos não participam, não podemos dizer que a arquitetura brasileira esteja correspondendo.

O BNH, por uma falha de estruturação e de política, partiu para atender as classes menos favorecidas com um enfoque completamente errado. Talvez se os arquitetos tivessem tido a oportunidade de participar do equacionamento, como no caso do concurso de Alagados, que ganhamos, poderíamos ter mudado a regra do jogo, e aí, sim, nós, arquitetos, estaríamos atendendo essa parte da população. O BNH, seguindo uma tradição de países subdesenvolvidos, que em geral ficam deslumbrados com o que acontece nos países ricos, usou um modelo de país desenvolvido. O

caminho do homem para a cidade é mais ou menos o mesmo nos dois casos, mas nos países desenvolvidos — onde a evasão é até maior com a mecanização da lavoura — a situação econômico-cultural do homem do campo é incomparavelmente melhor do que nos países subdesenvolvidos. Quando o homem, atraído pela cidade, sai do campo nos EUA ou na França, tem um acultramento, uma capacidade profissional que lhe permite ser absorvido pela vida urbana com mais facilidade: ele normalmente se incorpora à força de trabalho da cidade. Se por um motivo qualquer não consegue integrar-se e vai parar num *slam*, uma submoradia, chega desesperado, porque é um retrocesso a um estágio pelo qual já passou. Em um país subdesenvolvido, a situação é diferente. O homem do campo não tem cultura nem habilitação profissional. E, para agravar, é afetado por doença de Chagas, tuberculose, tifo, impaludismo, febre amarela. Nesse estado, chega à cidade. Na maioria dos casos é um jovem — no Brasil, o serviço militar obriga o cidadão a ir para a cidade entre os dezoito e vinte anos. Ele chega sem aptidões e, por isso, localiza-se próximo a grupamentos de classe econômica mais elevada, para a qual possa fazer eventuais biscates. Vai trabalhar num posto de gasolina, ser carregador de armazém ou emprega-se na construção civil, ao passo que as mulheres serão empregadas domésticas. Essas atividades fornecem a comida e o abrigo inicial. Quando essas pessoas conseguem juntar-se, fazer uma vida em comum, não podem sair da zona onde trabalham, onde ganham dinheiro. Então, ocupam um terreno abandonado (um pântano, um alagado, um fundo de baía) e a diferença começa aí: enquanto o habitante do *slam* não tem mais nada pela frente, só o desespero, o homem dos países subdesenvolvidos tem toda a vida, está começando a construir uma nova vida. É um esperançado. Veja o favelado do Rio: é um sujeito alegre, passista de escola de samba, é o homem que fez a música do Rio de Janeiro, é o apaixonado torcedor do Flamengo. Esses sujeitos não são desesperados; muito pelo contrário, têm uma esperança brutal na vida. Moram num barracão, mas a casa para eles não é o fundamental, é um acessório, é um abrigo igual ao do campo onde moravam, só que sem a doença de Chagas, o tifo, a tuberculose e com a vantagem de poderem reivindicar o que não tinham no campo: educação para seus filhos, melhores condições sanitárias e proximidade do local de trabalho. Não havendo interferência externa, eles ficam nesses

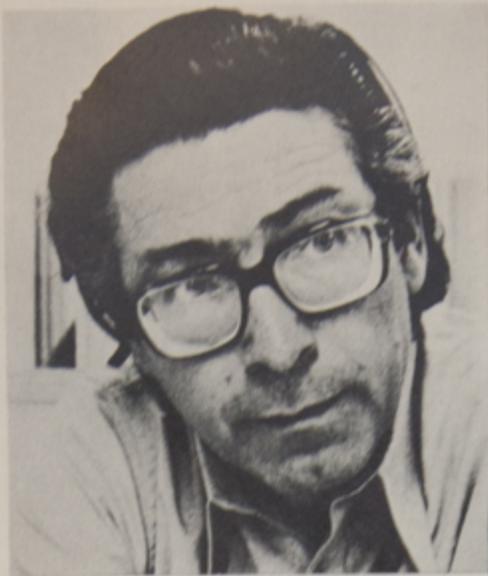
barracões e vão investindo na sua própria vida: em vez de erguer uma parede de alvenaria em lugar da de madeira, preferem comprar uma televisão. E eu acho isso perfeitamente correto, porque a televisão lhes vai permitir saber o que está acontecendo no mundo. Ter uma televisão, dar escola para o filho ou uma máquina de costura para a mulher representam um investimento na vida e não na casa, o que acho perfeitamente certo. Agora, o que não é justo é o Governo chegar para o favelado e dizer: "O senhor está completamente errado, não pode investir na sua vida, tem que morar numa casa de tijolo, taco no chão e vidro na janela. Nós não podemos dar essa casa para o senhor aqui perto do seu trabalho, porque o terreno custa muito caro. Vamos colocá-lo em Bangu, na Vila Kennedy, que fica a 40 quilômetros de distância, o senhor vai perder quatro horas para ir e vir e vai gastar 31% de sua renda na condução, mas vai morar como gente e não como bicho".

Essa opção, evidentemente, acaba arruinando a vida do indivíduo, que precisa pagar não sei quantas UPCS por mês e não tem como.

O que adotamos em Alagados foi uma solução urbanística que tem como princípio apenas o seguinte: a opção de vida é da família, não é o Governo que impõe; nós damos soluções urbanísticas, não arquitetônicas. O favelado pode dizer "eu vou viver aqui mas vou investir na minha vida". Agora, depois de investir na vida, ele pode até dizer "eu vou fazer minha casa e minha vida que se dane"; mas essa opção é dele. Essa é que é a solução de Alagados. Pode-se perguntar por que os arquitetos não fazem outras coisas assim. Em Alagados houve um concurso, patrocinado pelo próprio BNH, em que estava em jogo justamente o equacionamento do problema, ao passo que em outros casos, de rotina, o arquiteto não participa do equacionamento. O BNH acha, ou achava, que os arquitetos não precisavam participar. O slogan era quantidade em vez de qualidade. Na especulação imobiliária, por outro lado, os arquitetos também não participam. Então, o que sobra são aqueles 5% de arquitetura indispensável e cada vez mais sofisticada, exigindo soluções também cada vez mais sofisticadas. Nos 5% dentro dessas condições, os arquitetos do Brasil fazem uma arquitetura nem melhor nem pior, uma arquitetura de muito boa qualidade, igual à de qualquer parte do mundo. Agora, no meu entender, a arquitetura em geral está em crise, porque os verdadeiros arquitetos, aqueles que não querem fazer pastiche, não pretendem ser sub-Gro- ➔

pius, sub-Oscars, estão encontrando grandes dificuldades, porque as tecnologias e os materiais se estão esgotando. O profissional parte então para procurar forma, pois o concreto já deu tudo o que tinha de dar, a madeira já deu tudo o que tinha de dar, só se pode inovar em termos de forma. Isso não é arquitetura, é escultura. Na arquitetura, o *approach* é sempre de dentro para fora, na escultura é de fora para dentro. Entretanto, os arquitetos têm uma tecnologia de outros campos à sua disposição. A técnica de engenharia de avião, por exemplo, permite que uma escada, ao se apertar um botão, desça ou se feche, coisa que poderia ser usada em casas que seja preciso isolar, por motivo de segurança ou outro. E tudo isso já está criado, é só trazer de um campo para outro.

Mas o que sobra para os arquitetos? Ontem fui entrevistado por estudantes de uma faculdade de arquitetura e eles me perguntaram qual era o futuro da profissão. Paradoxalmente, e com o coração oprimido, tive que falar: num país onde tudo está por fazer, onde tudo está para ser criado, o futuro do estudante de arquitetura é o mais negro possível. Os arquitetos dispõem, como já disse, de 5% do que se faz, parcela que, naturalmente, vai para as mãos dos grandes escritórios, mas mesmo nesses 5% já se começa a sentir a estagnação. Há pouco tempo a Prefeitura de São Paulo baixou uma lei que diz claramente que os projetos dos edifícios têm que ser feitos por técnicos da Prefeitura. Não duvido da capacidade de nenhum desses técnicos, mas a Municipalidade não tem estrutura para fazer um bom projeto. Ela pode ter técnicos fabulosos no Departamento de Paisagismo, no Departamento de Planejamento, no Departamento de Engenharia. Só que um não pode dizer alô para o outro, devido à burocracia. No meu escritório, é diferente: se precisar de técnicos, convoco pelo telefone e cinco minutos depois tenho aqui o melhor calculista, o melhor paisagista, o melhor projetista em instalação. Na Prefeitura, eu teria que fazer um ofício para o meu chefe, que por sua vez teria que fazer outro ao chefe de sua seção, que teria que mandar outro para o secretário, e, no fim de um mês, estaria reunida essa equipe. E essa equipe é composta de funcionários que ganham pouco dinheiro, que se apertam, que não vão receber mais por esse trabalho e que, portanto, irão trabalhar com má vontade. Em vista disso, com todos os problemas apontados e mais o fantasma da estagnação, acho que a situação para quem começa na arquitetura é a mais desgraçada possível.



Um reflexo, não a causa

João Rodolfo Stroeter é o responsável pelo setor de arquitetura da Hidroservice — Engenharia de Projetos Ltda., cujos principais projetos são os aeroportos internacionais do Rio de Janeiro e Manaus, centrais de abastecimento de Belo Horizonte, Fortaleza, João Pessoa e Curitiba, Instituto dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas de São Paulo e sede do DNER, em Brasília. Stroeter foi, anteriormente, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, tendo projetado, como autônomo, diversas obras residenciais.

Assim como a economia, a sociologia e a engenharia, a arquitetura é apenas um dos meios para a realização de objetivos sociais: habitação, saúde, transporte, educação, trabalho ou lazer. É parte integrante de um sistema mais complexo, de um processo de planejamento, de política e de decisões que a precede. Por isso, pode expressar, no final, desacertos das diretrizes às quais esteve sujeita.

No caso particular da moradia popular, o fracasso de muitos dos conjuntos habitacionais construídos no Brasil é mais um reflexo de uma política irreal implantada pelos organismos responsáveis do que consequência da boa ou má qualidade de sua arquitetura.

É totalmente descabido imaginar que um problema de ordem principalmente econômica possa ter apenas soluções técnicas. De maneira geral, a arquitetura tem cumprido a parcela de função social que lhe cabe no sistema econômico. É sabido que mais de 90% das edificações de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro não foram projetadas por arquitetos.

Na realidade, o projeto da cidade é mais importante do que o projeto das edificações que a compõem. As nossas capitais, quase que sem exceção, não tiveram seu crescimento urbano planejado, ou sequer controlado. Com índices de urbanização altíssimos, característicos dos países em desenvolvi-

mento, as nossas cidades foram em geral utilizadas, pelos promotores de seu desenvolvimento, como uma forma de se ganhar dinheiro. Tanto os pobres loteamentos das periferias como os empreendimentos imobiliários que adensaram nossos centros urbanos são, antes de mais nada, boas formas de investimento.

Na medida em que foram solicitados, os arquitetos participaram com bons resultados dos problemas urbanos. O projeto do metrô de São Paulo e as obras paralelas de complementação, a experiência de Curitiba, com o trabalho de seu ex-prefeito Jaime Lerner, são exemplos significativos, sem falar em Brasília.

Mas a arquitetura que se faz no Brasil ainda está satisfeita com os antigos padrões de conforto. Certos modelos e soluções implantados são inadequados às nossas condições, principalmente de clima. O exemplo mais característico é o emprego abundante da fachada-cortina de vidro em prédios de escritórios e apartamentos, tornando seus interiores quase inabitáveis, em face do calor e do excesso de luz. O emprego do ar condicionado, cada vez mais necessário, de forma alguma justifica essa abundância de vidros de uma solução puramente formal.

A indústria brasileira é hoje capaz de fornecer aos arquitetos praticamente todos os recursos materiais de que necessitam. O problema é saber a que custo. Acredito que haja um problema de mercado: sendo pouca a procura, a produção é baixa e os preços são altos, ainda que a qualidade seja apenas razoável, se comparada com similares estrangeiros. Pelas mesmas razões, a grande maioria dos novos materiais que surgem no mercado são de tecnologia importada. Pouca pesquisa se faz no Brasil, no setor de construções.

Por outro lado, do ponto de vista da formação, se considerarmos que a solicitação do mercado é sensivelmente menor do que sua real necessidade, poderíamos dizer que o número de profissionais formados tem sido suficiente para atender a demanda. Se, no entanto, a solicitação do mercado refletisse a demanda real, não só o número seria insuficiente como o próprio tipo de formação seria inadequado às novas exigências. O ensino da maioria das escolas de arquitetura brasileira tem ainda heranças das belas-arts, pouco inclinado a encarar o projeto como algo mais do que uma atividade criativa de prancheta. O arquiteto deve tentar modificar a própria forma de solicitação do mercado e preparar-se para isso, atuando de maneira mais ampla do que tem feito até o momento.



O mercado da especulação

Fábio Penteado tem mais de dez projetos e estudos de arquitetura para obras públicas e aproximadamente trinta outros de arquitetura e urbanismo, entre os quais estão o Conjunto Habitacional de Cumbica, para 55 mil habitantes (em colaboração com Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha), a Cidade Portuária de Santos, para 15 mil habitantes, e a urbanização de uma área em Jacarepaguá, Rio, de 700 mil m². Grande Colar do Mérito do Instituto de Arquitetos do Brasil, de cujo Conselho Superior é membro vitalício, representante do Brasil na União Internacional de Arquitetos, presidente de vários congressos de classe, professor, Fábio Penteado já ganhou cerca de dez concursos, inclusive o primeiro lugar na I Quadrienal de Teatro, em Praga, com o projeto do Teatro Municipal de Campinas.

A arquitetura é hoje parte de um processo, no panorama brasileiro, como desafio dos mais difíceis de enfrentar. Depois de 475 anos de história, chegamos a uma população de 110 milhões de habitantes. Daqui a 25 anos, seremos 220 milhões, o que implica a responsabilidade de dobrar o total dos equipamentos que viabilizam a vida em nosso país: casas, escolas, hospitais, universidades, estradas, fábricas e até cidades inteiras. Para enfrentar o desafio das cidades no futuro, não podemos copiar os modelos existentes. A arquitetura brasileira não tem respondido a questões urgentes como o da habitação de massa e isso porque o problema não é da arquitetura, como trabalho isolado. Envolve um conjunto de esforços baseados em pesquisas.

O desenvolvimento urbano é problema de uma ação política e raramente os arquitetos são solicitados a participar dos organismos de planejamento. A própria universidade está afastada das discussões que contribuem para o desenvolvimento urbano. Não temos revistas especializadas ou livros que possam manter os profissionais ou estudantes informados do que se faz aqui ou no exterior, nos campos da arquitetura e do urbanismo. Inexistem institutos de pesquisas e somente nos últimos anos surgiu, ao

Visão, 29 de setembro de 1975



Só para altos executivos:

IX PROGRAMA DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL.

O sucesso de uma empresa tem muito a ver com o sucesso de seus dirigentes.

É por isso que o Centro de Desenvolvimento em Administração da Fundação João Pinheiro - CDA - criou o Programa de Política e Estratégia Empresarial para Altos Executivos.

Nos oito programas anteriores, homens de decisão, altos executivos e elementos do "staff" de muitas empresas assimilaram novos e importantes conhecimentos para a formulação da política e estratégia de suas organizações.

Agora, chegou a sua vez. A vez de sua empresa.

O IX Programa de Política e Estratégia Empresarial para Altos Executivos tem orientação técnica da Universidade de Columbia - Graduate School of Business e patrocínio do PNTE - Programa Nacional de Treinamento de Executivos.

O Programa será ministrado por seis professores americanos e brasileiros de experiência internacional.



IX PROGRAMA DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL PARA ALTOS EXECUTIVOS

DE 7 A 15
DE NOVEMBRO
DE 1975
POÇOS DE CALDAS
MG

Inscrições: 15 a 31 de outubro, na

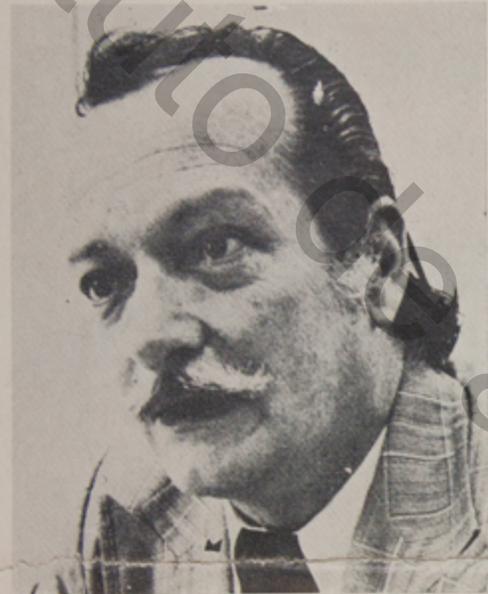


FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO EM ADMINISTRAÇÃO

Alameda das Acácias, 70 - Pampulha - Tels.: (031) 442-1133 - (031) 442-1953
(031) 442-1024 - Telex: (031) 1031 - 30.000 - Belo Horizonte - Minas Gerais

nível das autoridades, a consciência de que esse é um problema político da maior importância. Poucas escolas, por força de isolamento ou falta de recursos, conseguem formar arquitetos aptos. O mercado é restrito, porque não existe um planejamento real de desenvolvimento. Mais da metade dos profissionais diplomados se concentra nas regiões metropolitanas do eixo São Paulo—Rio, disputando avidamente um mercado de trabalho que, em grande parte, se acha entregue aos processos da especulação imobiliária. Os estudantes de arquitetura sabem disso e sentem-se frustrados.



O caminho da massa

Ernest Mange é engenheiro civil formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, mas especializou-se em arquitetura, tendo inclusive estagiado, com bolsa de estudos do Governo francês, com Le Corbusier, em 1947. Entre seus trabalhos, destacam-se os ligados ao planejamento e arquitetura de usinas hidroelétricas e o projeto das cidades de Ilha Solteira e Jupia. Ernest Mange foi presidente do Conselho Estadual de Obras Públicas do Estado de São Paulo, de 1967 a 1969, e atualmente preside a Empresa Municipal de Urbanização (Emurb), de São Paulo, além de ser professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Não vejo a arquitetura como coisa extra, mas como inserida no próprio processo. Ela tem dado respostas na medida em que houve possibilidades disso. A sociedade brasileira só muito recentemente se deu conta do problema da habitação popular. A habitação popular seria o quê? Habitação a baixo custo, a ser utilizada por grandes massas que ainda têm condições econômicas bastante limitadas. Essa arquitetura se observa no país inteiro, através da construção de soluções convencionais e ortodoxas e da imaginação criativa do próprio povo.

A intervenção do arquiteto, que pressupõe toda uma mobilização insti-

tucional da sociedade, começou a se dar muito recentemente na política nacional de habitação, cujo organismo financeiro é o BNH. Isto ocorreu de dez anos ou menos para cá e nota-se que as realizações são marcadas pelas próprias características do processo no contexto atual, isto é, falta de experiência, certo artificialismo de intervenção e um *know-how* ainda pequeno para o caso.

Dá a grande dificuldade operacional da Cohab. Não é por incúria, falta de preparo dos administradores, dos arquitetos, dos economistas, que não teriam viabilizado corretamente a operação; é porque se chega a um produto final inacessível a uma grande camada.

Temos uma população de mais de 100 milhões de habitantes, com taxas de crescimento de 3%, incorporando anualmente novas faixas, o que exige uma mobilização intensa. Nesse quadro, a arquitetura precisa encontrar novas fórmulas, principalmente baseadas no processo de produção de massa, no processo de industrialização. A arquitetura deve usar componentes, processos industrializados de racionalização dos métodos apoiada num contexto industrial e logístico.

Mas há propostas de economistas que vêem na industrialização da construção civil — base para uma arquitetura de massa e não de exceção — uma forma negativa para o Brasil, no momento. Eles julgam que a construção civil é a única faixa capaz de absorver excedentes da mão-de-obra agrária atraídos para as metrópoles.

Reputo isso totalmente errado. Economicamente, a única forma de se gerar maior quantidade de emprego e fazer crescer toda a economia é partir para processos mais racionais de produção e de enriquecimento geral da coletividade. Na construção civil isso se impõe cada vez mais. E é a única maneira de a arquitetura, não só aqui no Brasil, dar respostas adequadas de caráter social, de habitações, escolas, centros de abastecimento, de saúde e todos os equipamentos necessários à complementação da habitação. Eu acho que só a industrialização pode fazer face a isso e a criatividade do arquiteto tem que se colocar cada vez mais nesses termos, utilizando uma linguagem contemporânea, baseada na teoria dos sistemas, na teoria da informação, sabendo utilizar esses novos meios de pensamento, para que a criatividade se manifeste em novas formas de propostas do espaço, a partir de componentes industrializados, que permitam ter velocidade de construção e baixo custo. Não creio numa arquitetura de exceção, de amostras, que terá que existir para certas funções mínimas.



A ausência do humano

Marcello Fragelli é o responsável pela arquitetura no consórcio Hochtief Montreal Deconsult e formador da equipe que projetou as estações elevadas e subterrâneas e prédios anexos da linha Norte—Sul. Seu trabalho abrangeu desde a conceituação e organização das estações, distribuição de fluxos, acessos, bloqueios, etc. até a solução espacial e plástica de todos os elementos construídos. Professor da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e arquiteto-chefe da Promon Engenharia S.A., Marcello Fragelli projetou cinco edifícios residenciais no Rio e dois em São Paulo, cerca de vinte residências e igual quantidade de prédios não residenciais.

Dentro das oportunidades que lhe foram dadas, creio que a arquitetura tem oferecido respostas aos problemas propostos. Mas o problema de habitação de massa, em geral, é colocado nas mãos de pessoas que não têm muita sensibilidade para a arquitetura. Acham que ela encarece e procuram uma solução mais barata, não por ser econômica, mas porque é a mais barata. A maioria dos projetos de habitação em massa, no Brasil, é feita sem a nossa participação.

Tenho visto, na Inglaterra e no México, projetos de conjuntos habitacionais em que são óbvias as preocupações com padrão humano, em atenção a quem vai usar o imóvel. Existe o cuidado com a arquitetura, urbanismo, beleza de espaço. Vi também, em revistas, construções que, feitas em países da África, revelavam padrão superior ao nosso. E pergunto: será que estes países são mais ricos do que o Brasil? Não são. Quanto à participação dos arquitetos em cargos de decisão, diria que é até uma novidade. Ultimamente, houve os casos de Jaime Lerner, em Curitiba; Roberto Cerqueira César, na Emurb, e agora, na Secretaria dos Assuntos Metropolitanos de São Paulo, de Jorge Wilhelm, numa pasta que até transcende o planejamento urbano para o planejamento administrativo →

10 quilômetros por hora: uma velocidade perigosa.

Andando a 10 quilômetros por hora na cidade, você fica livre de uma série de perigos. Não corre o risco de capotar, de sair da pista numa curva fechada, de ter um pneu estourado.

Acontece que a 10 quilômetros por hora, com tensão e barulho, uma outra máquina muito mais delicada pode acabar entrando em pane: você. Seus nervos seu coração, sua saúde.

A Philips, que pesquisa sistemas eletrônicos avançados, para tornar mais fácil e segura a vida do homem, também está dando sua contribuição para ordenar (e humanizar) o trânsito nas cidades.

Um exemplo disto é o seu Sistema de Controle de Tráfego, já implantado na Europa, e que vem contribuindo decisivamente para melhorar a "qualidade da vida" nos grandes centros urbanos.

O Sistema, que soluciona problemas de cruzamentos, até os mais complexos (cerca de 70% dos acidentes ocorrem nos cruzamentos), opera de forma automática com sensores eletrônicos que alimentam um computador.

Este, em função dos dados recebidos, seleciona o melhor programa de sinalização de forma coordenada, proporcionando assim um fluxo contínuo de veículos e reduzindo drasticamente o pára-e-anda no trânsito e ainda o elevado consumo de combustível que isso ocasiona.

Os Sistemas de Tráfego compreendem uma enorme diversificação de equipamentos, desde detectores, lâmpadas de halogênio para semáforos, contadores, controladores e coordenadores automáticos, até computadores e o "software" apropriado. Mas a preocupação da Philips com a segurança não pára aí. Ela se estende inclusive a sistemas de televisão em circuito fechado, supervisão e controle para metrô, túneis, vias expressas, estacionamentos, sistemas de veículos prioritários (VETAG), comunicação de emergência em estradas, iluminação etc.



PHILIPS

Nós trabalhamos para humanizar o trânsito.



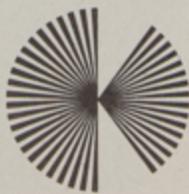
A Klabin tem uma sonora 700 milhões de dólares

Apesar de não ser uma empresa voltada para as exportações, a Klabin do Paraná pesa muito no equilíbrio do balanço de pagamentos do Brasil. Nós influímos no outro braço do balanço, evitando que o país importe enorme quantidade de papel.

O único produtor de papel jornal no país, a Klabin atingiu em abril deste ano a impressionante produção de 2 milhões de toneladas deste papel. Isto significa uma economia de divisas de \$ 700 milhões de dólares. Se considerarmos que a produção da Klabin não se limita ao papel de imprensa, embora seja o nosso forte, veremos que este número é ainda maior.

O equilíbrio no balanço de pagamentos é essencial para o desenvolvimento do país. Ajudar a mantê-lo é mais uma das contribuições da Klabin. Aparentemente leve, o papel tem um peso extraordinário.

Klabin do
Paraná

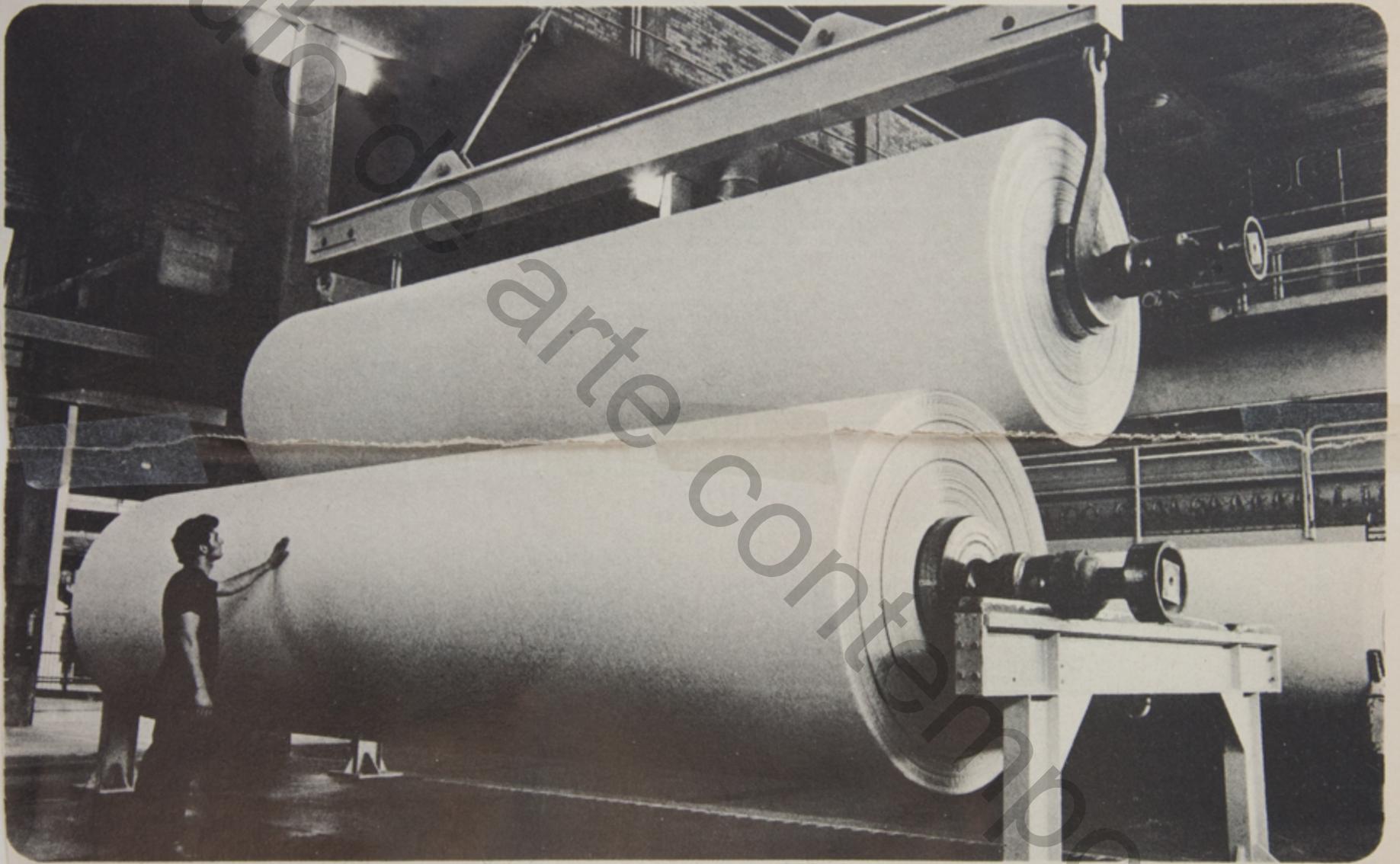


Diariamente são produzidas 600 toneladas de papel.



Para cada árvore abatida, plantamos 15 outras.

importância: em economia de divisas.



1.211 jornais são impressos com o papel da Klabin.



A fábrica não pára, noite e dia produzindo.

Klabin 1977

global. Tudo isso é uma novidade. O BNH já tentou incentivar o uso de planos para as cidades. Mas os resultados, pelo que sei, não são bons.

Um país com déficit de habitação, como o nosso, precisa de mais arquitetos do que os fornecidos por nossas escolas. O aproveitamento de arquitetos em projetos de construção é estimado em menos de 3%. Para o mercado atual, há escolas demais. Um dos maiores responsáveis pela construção imobiliária, no Brasil, é a especulação imobiliária. Quem mais constrói moradia são as incorporadoras. Destas, a grande maioria preocupa-se apenas em vender. Não se preocupa com a boa arquitetura. Conheço só uma firma no Rio e duas ou três em São Paulo que se preocupam em trabalhar de acordo com a arquitetura contemporânea. Não usam a vigarice dos coloniosos, mediterrâneos, neoclássicos e outros falsos "estilos". Para o grosso dos incorporadores é mais prático fazer uma construção vagabunda, fantasiada de coisa de luxo. Usam material ordinário e gastam mais dinheiro com publicidade do que com as reais necessidades do projeto.

Esse grande volume de construções sem arquitetura não só desemprega os arquitetos como prejudica a evolução da arquitetura.



Resposta negativa

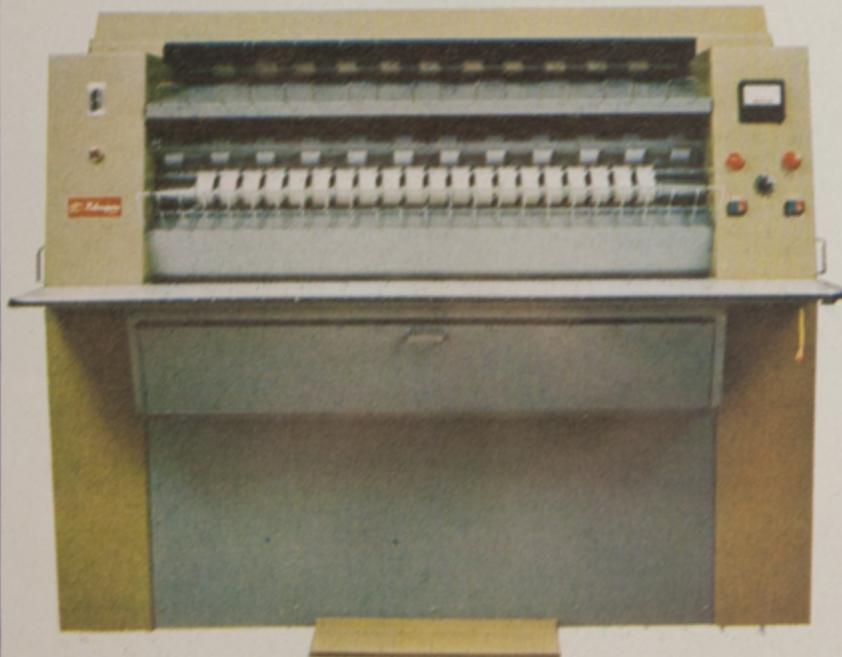
Alfredo Brito é diretor do Grupo de Arquitetura e Planejamento, do Rio, delegado do IAB-GB no Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil; professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio de Janeiro e membro da Comissão de Construções Escolares da U.I.A. Entre suas obras, constam várias residências, o ginásio coberto para a Companhia Siderúrgica Nacional, os conjuntos do Sistema de Radiotransmissão da Rede Ferroviária Federal e o Centro de Processamento de Dados do Banco do Brasil, em São Paulo. Integrando grupos de trabalho, participando de congressos internacionais e publicando trabalhos, Alfredo Brito desenvolve uma intensa atividade teórica. É dele o primeiro Inquérito Nacional de Arquitetura, publicado em livro de 1962.

Para começar, esclareço entender como novo o quadro de desafios e não a sociedade. Para esse novo quadro a resposta é não. Arquitetura é a resposta físico-construtiva a uma proposta de caráter cultural, entendida em toda sua abrangência política, econômica, social, administrativa, institucional. E as propostas pouco mudaram em sua essência. Apenas, com o aprofundamento das discrepâncias, disparidades e conflitos existentes na estruturação da sociedade brasileira, os desafios aumentaram.

A arquitetura contemporânea tem condições próprias, dentro de seus contornos, para responder aos desafios que lhe são propostos? Potencialmente, sim. Já há no país um apoio tecnológico razoável, uma indústria de materiais básicos em crescimento e a disponibilidade do poder criativo latente de um bom número de arquitetos, engenheiros e técnicos afins. A criatividade permanece latente porque não vem sendo exercitada. Pelo contrário, vem sendo cerceada. Na prática (no exercício profissional) e na formação (no ensino).

Ainda hoje, no Brasil, a criatividade do arquiteto é solicitada e estimulada quando dela se deseja tirar elementos bem comportados, de aparência e solidificação de status.

PARA CHEGAR A ESTE ANÚNCIO LEVAMOS QUASE 5 ANOS



HELIOMÁQUINA LANÇA COM EXCLUSIVIDADE A CRA 650, PRIMEIRA MÁQUINA HELIOGRÁFICA AUTOMÁTICA DE ALTA PRODUÇÃO FABRICADA NO BRASIL

SEPARA OS ORIGINAIS E REVELA AUTOMATICAMENTE AS CÓPIAS. ALTA SUCCÃO DE AR, EVITANDO ASSIM A POLUIÇÃO DO AMBIENTE COM GASES AMONIACAIS. CÓPIAS A SECO EM QUALQUER TIPO DE PAPEL HELIOGRÁFICO.

OUTROS MODELOS CH60 - RH100
CRH130 - RH180 - CRH350 - CH450

A HELIOMÁQUINA SÓ FABRICA MÁQUINAS HELIOGRÁFICAS



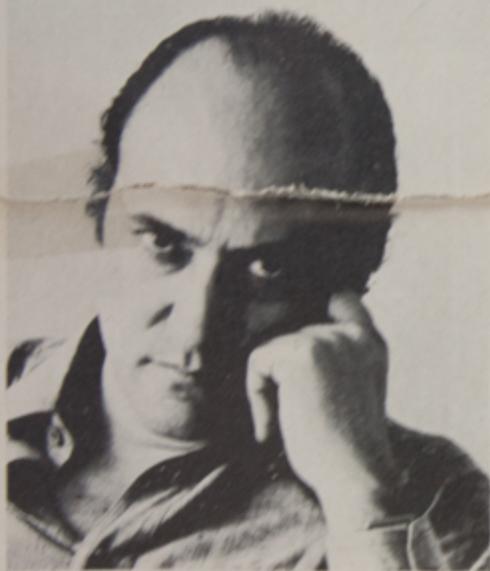
HELIOMÁQUINA

IND. E COM. DE MÁQUINAS HELIOGRÁFICAS LTDA.

Rua Carolina Soares, 734 - São Paulo - Brasil - Fones: 266-1854 e 266-8642 - CEP 02554

Os novos e grandes desafios de nossa sociedade, colocados para a arquitetura contemporânea, estão expressos na ocupação do solo brasileiro (urbano e rural); na organização das cidades brasileiras pressionadas por crescentes taxas de urbanização; na elevação (e, às vezes, na inexistência) da qualidade da vida de seus habitantes; na contenção e progressiva diminuição dos agentes poluidores; na ampliação e melhoria do estoque habitacional. Genericamente, o arquiteto brasileiro não tem sido convocado a participar, com sua criatividade e competência, da formulação de respostas a esses desafios. Pelo contrário, é freqüente sua convocação para respostas de caráter imediatista. Nesse quadro, a arquitetura contemporânea tem pouco a dizer. E um bom exemplo são os onze anos do BSN.

Ao longo da história de nosso desenvolvimento, essa foi uma das maiores oportunidades, desperdiçada, para começar a elaborar (a engatinhar) as respostas aos grandes desafios.



Não falta a competência

Joaquim Guedes é professor de Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e professor associado da Escola de Arquitetura de Estrasburgo (França), cujo edifício é de sua autoria. Tem diversos trabalhos publicados e sua obra é estudada em publicações estrangeiras (New Directions in Latin America Architecture, Nova York; "Arquitetura Latino-americana", Buenos Aires; "Global Interior", Tóquio, entre outras). Em 1970, a revista "The Japan Architecture" destacou os arquitetos mais significativos da década de 60, no mundo. Joaquim Guedes foi um dos três brasileiros selecionados (os outros dois foram Oscar Niemeyer e Paulo Mendes da Rocha).

A arquitetura brasileira já atingiu maturidade, já domina seu objeto, seu método e tem competência e condições internas para responder aos problemas que lhe são colocados. Porém, é preciso situar o que se enten-

de por problemas da sociedade brasileira — necessidades a serem atendidas, seja por uma decisão clara dos setores dirigentes, seja por pressão do conjunto da sociedade. É claro que a arquitetura não dispõe de condições para resolver o que a sociedade brasileira não se empenhou ainda em resolver: problemas que podem existir nas nossas consciências mas que não chegaram a ser problemas da sociedade enquanto metas a serem atingidas. O Brasil é um país que, se quisesse resolver seu problema de habitação, teria que construir 2 milhões de casas por ano. Assim, eu responderia à pergunta dizendo que a arquitetura está madura para resolver qualquer questão que a sociedade brasileira lhe coloque. Mas ela não tem condições de assumir, e nem deve, a solução de questões que a sociedade não deseja resolver e não pode.

A arquitetura e a cidade são um resultado, mas um resultado que contém a atividade do conjunto das forças da sociedade. Não é possível imaginar outra coisa. Nesse sentido, São Paulo é uma cidade extraordinária do ponto de vista de lógica, de coerência, como resposta a uma certa sociedade. Lógica e coerência realizadas às vezes com requintes de rigor técnico, de perfeição construtiva. Resposta dada pela tecnologia e arquitetura nacionais às solicitações que recebe. Quando falo solicitações, quero dizer não apenas chamada à solução dos problemas, mas recursos colocados à disposição. Eu diria até que, na medida em que determinado problema inclui soluções que colocam em marcha o sistema econômico global, nós temos possibilidade de ver chamados e recursos são colocados à nossa disposição. Na medida em que as soluções que podemos dar não têm condições de repercutir diretamente sobre a criação do produto local ou seus objetivos, não serão levadas em consideração. Tudo depende de um programa político geral. Na hora em que fizerem um programa de saneamento para o Estado de São Paulo, que resolverem seus problemas de infra-estrutura, estaremos aptos a dar respostas a isso; mas, enquanto não for meta geral a solução desses problemas, não há que discutir coisa nenhuma. A análise da situação urbana atual vai revelar que há um conjunto de interesses que convergem sobre áreas da cidade de maneira mais ou menos nova, tendendo, digamos assim, a uma concentração de recursos muito grandes na área de infra-estrutura e de serviços urbanos. Mas eu acho que são momentos em que a própria sobrevivência da sociedade acaba impondo medidas desse tipo, ou momentos em que a solução dos



TERRAPLE NAGEM CONSTRUÇÃO INDUSTRIAL

Exigem experiência comprovada. E as obras que já realizamos são nosso melhor argumento:

BRASILIT
CIMINAS
COFAP
FIRESTONE
LIMASA
MANGELS
MERCEDES BENZ
PETROBRAS
VOLKSWAGEN
etc.
Consulte-nos.



Sortino S. A. Construtores
R. Dr. Cesário Mota, 41 - PABX 444-6688
DEPTO. COMERCIAL - Tel. 449-4311
Santo André - SP

problemas ao nível do social acaba interessando inclusive aos setores de produção. Ou até mesmo à política imobiliária geral. Por exemplo: uma economia urbana como a nossa, tão marcada pela presença da atividade imobiliária, para que possa ter um desenvolvimento acelerado, é preciso, a partir de certo ponto, produzir um mínimo de ordem na cidade, um mínimo de eficiência nos serviços urbanos, um mínimo de saneamento nas áreas urbanas, ou, do contrário, o processo de construção acelerado se congestionará e se autocontém.

Eu imagino que é sempre preciso agir, não no sentido de chamar à consciência os arquitetos, mas de centrar a preocupação onde ela tem que ser centrada: quais são os objetivos políticos do nosso desenvolvimento?



A busca do bem comum

Miguel Alves Pereira, presidente nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil, participou de doze concursos nacionais e de diversas exposições, além de integrar várias comissões e grupos de trabalho para a reestruturação do ensino da arquitetura. Em 1970 assumiu a direção do Instituto de Artes e Arquitetura da Universidade de Brasília, passando no ano seguinte a professor adjunto do quadro docente. Representou também o Brasil na União Internacional de Arquitetos e na Federação Pan-Americana. Entre suas conferências e palestras, destacam-se: "O arquiteto e os atuais problemas do exercício profissional (1974)" e "Formação de recursos humanos para o planejamento urbano". Miguel Pereira é membro honorário do Colégio do México, do Colégio de Arquitetos do Peru e da Sociedade Central de Arquitetos.

A arquitetura teria dado respostas adequadas no momento em que — como abrigo individual ou coletivo, como edifício ou cidade — constituísse um bem comum a toda a sociedade brasileira. Mais especificamente, quando os atuais 7 milhões de habitações fossem já um déficit superado.

É necessário que se considere a cidade como um espaço físico, social,

econômico, administrativo, psicológico, acompanhando a seqüência natural de todas as escalas da vida urbana. Então se perceberá que a arquitetura é apenas um dos fatores. E, por isso, não sabe dar respostas sozinha, se os demais não a acompanham. Ela não é constituída apenas pelas obras de exceção, saídas do talento dos arquitetos bem-nascidos, e, por isso, publicadas nas revistas. É todo abrigo construído pelo homem, desde que saiu da caverna, da mesma forma que a sociedade não é constituída somente pelas camadas abastadas ou que simplesmente tenham poder aquisitivo.

Há, portanto, no plano social, uma resposta discriminatória, parcial, onde se observa, ou se pode duvidar, haver urgência na produção de habitação em massa, ou para a massa, quando o problema prioritário é o poder aquisitivo — poder de compra da habitação que se traduz através da possibilidade de trabalho. Nenhuma política habitacional, em si, resolverá o problema desse poder de compra, fabricando invólucro para empacotar a miséria. Trata-se de um problema social e não técnico.

Os arquitetos, de longa data, mostram-se preocupados com o problema habitacional, dentro da estrutura urbana, numa visão de planejamento, mesmo antes da criação do Banco Nacional da Habitação. Como é bem sabido, não tivemos condição de assumir por muito tempo outra atitude senão a da crítica sistemática à política habitacional, apenas reconhecendo no último biênio alguns acertos e constatando alguns desastres.

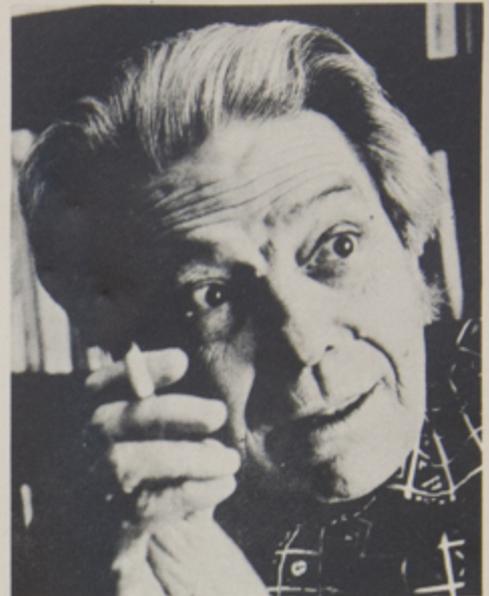
A pobreza da legislação urbana, a burla dos códigos de obras e a carência de normas técnicas têm incentivado a especulação imobiliária, com sérios prejuízos para a vida e o funcionamento de nossas cidades. A política urbana, inaugurada há pouco mais de um ano, através da CNPU, define a preocupação dos poderes de decisão em, afinal, incorporar o espaço físico no elenco dos fatores que influem no processo de desenvolvimento do país. Parece que é preciso arrumar a casa, porque só assim o sistema poderá adquirir maior eficiência e produtividade, valores estes que nem sempre andam de parceria com a escala humana.

As deseconomias produzidas pelo caos urbano fazem, de nossos grandes centros, espaços pouco inteligentes.

Os arquitetos, como profissionais inteiramente dedicados à organização do espaço físico, têm comparecido nesse esforço de equacionamento de uma política urbana, tanto através de seus órgãos de classe quanto de trabalho profissional. São patentes os

exemplos de Brasília e Curitiba, bem como os encontros realizados pelo IAB relativamente à política urbana.

Esse elenco de desafios catalisa um grande esforço do IAB, da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura (ABEA) e do MEC, no sentido de atualizar e enriquecer a formação profissional do arquiteto.



Um lugar à utopia

Vilanova Artigas, considerado por várias publicações, inclusive internacionais, como um dos mais importantes teóricos dos movimentos de arquitetura moderna no Brasil, é fundador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e fez parte da comissão organizadora do seu primeiro regimento. Membro do júri de vários concursos públicos, medalha de ouro da X Bienal, membro fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Prêmio Internacional "Jean Tschumi" da União Internacional de Arquitetos, professor, examinador e orientador de vários cursos, Vilanova Artigas é um dos arquitetos brasileiros que mais trabalhos tem publicado em revistas de todo o mundo.

Recuso-me a aceitar que exista uma crise propriamente da arquitetura, mesmo que eu possa jogar-me contra o que, no conjunto da proposta arquitetônica, havia de utópico. Porque não é pela utopia que as coisas devem ser criticadas, mas pela impossibilidade de as utopias serem realizadas. Certamente, o que animou os arquitetos do primeiro pós-guerra, cujos nomes são por demais conhecidos, foi a idéia de que o mundo seria um mundo de paz. Com o desenvolvimento do primeiro pós-guerra, a simplificação das estruturas e a industrialização do processo de construir, cada um poderia ter a sua casa, a sobrevivência do ente humano no plano urbano estaria garantida.

As raízes do que chamamos de arquitetura moderna brasileira, ou a nossa maneira brasileira de fazer arquitetura, surgiram na década de 20, com os movimentos artísticos paulis-

Contra fatos não há argumentos.

Você precisa conhecer alguns dados objetivos sobre as Centrais Telefônicas METACONTA com Controle por Programa Armazenado (CPA). Esses dados falam por si mesmos: mais de 280 mil linhas do Sistema METACONTA já foram instaladas e estão funcionando em países como Austrália, Bélgica, Estados Unidos, França, Holanda, Iugoslávia, México e Marrocos.

Mas esta lista não vai parar por aí. Em breve, mais 855 mil linhas desse equipamento estarão funcionando em outras cidades e outros países como o Brasil, onde uma Central de Trânsito Internacional METACONTA, contratada pela EMBRATEL, será instalada no Rio de Janeiro.

Portanto, o METACONTA é uma realidade. Ele existe. É inovador, sem ser experimental. E a Standard Electrica acredita muito no METACONTA. Tanto assim, que está realizando consideráveis investimentos, treinando engenheiros brasileiros aqui e no exterior, dentro do seu programa intensivo de transferência da tecnologia METACONTA.

Nosso programa tem como meta, para 1977, a nacionalização integral da engenharia aplicada METACONTA. Para isso, vamos investir cada vez mais em treinamento nos próximos anos. Em 1977 a Standard Electrica contará com 70 engenheiros e uma equipe de 210 pessoas dedicados exclusivamente à engenharia do Sistema METACONTA.

Isso é muito mais que um programa, é um compromisso que assumimos.

A experiência mundial tem comprovado que o Sistema METACONTA é muito mais eficiente e econômico do que os sistemas de comutação telefônica convencional. E nós achamos que está na hora de você conhecer melhor o nosso Sistema METACONTA.

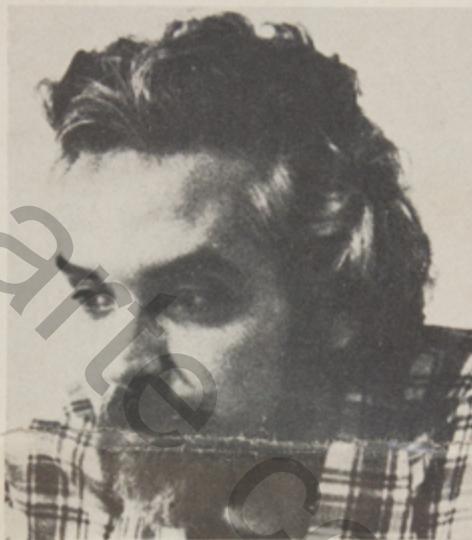
Para maiores informações, escreva para nosso Departamento de Sistemas Avançados de Comutação - METACONTA, na Av. Presidente Vargas, 962 - 7º andar - Rio de Janeiro, RJ.

Standard Electrica S.A.

Onde o futuro começa hoje.

tas, quando o programa modernizador do pós-guerra se encontrou com a Revolução de 30 e deu margem a que experimentássemos no plano arquitetônico brasileiro uma série de aspectos e formas que tiveram sucesso universal. Com o desenvolvimento econômico do período da guerra, passamos a viver menos afogados e dependentes das decisões metropolitanas, que eu diria imperialistas. Deu-se um desenvolvimento imobiliário gigantesco, em nosso país, construíram-se dois ou três edifícios que marcaram a arquitetura brasileira naquela época (particularmente o edifício do Ministério da Educação e Cultura, no Rio) e houve o aproveitamento de uma herança formal, barroca, um jeito brasileiro de resolver certa problemática de espaço e forma: esse sabor da nossa arquitetura, que no fundo redundou na construção de Brasília e na série de palácios extraordinários de Oscar Niemeyer, tem um significado todo especial. Mas, quando eu falo em arquitetura brasileira, caio novamente na minha posição utópica ou nas nossas posições utópicas, ou nas inevitáveis digressões na direção da utopia e que o homem tem o direito de fazer, principalmente precisando conviver no mundo de hoje. E penso que me é dado conservar pelo menos o direito de contemplar, com um amor que vem mais da cabeça do que do coração, aquilo que as utopias puderam oferecer como visualização do mundo perfeito. Mas, quando falo sobre esses aspectos da arquitetura do nosso país, faço *tabula rasa* de que isso está ligado a uma estrutura de planejamento econômico, que é de outro tipo. E veja que coisa curiosa: há um planejamento geral, a respeito do qual ninguém fala, mas no qual os pequenos planejamentos têm que ser inseridos. E o planejamento geral, em todos os tempos até hoje, é de molde a que a gente não se possa inserir. A visão artística do mundo e certos padrões de felicidade que a arte se dá o luxo de visualizar e propor não se encaixam no planejamento geral, econômico e social, com que nós convivemos, como estrutura brasileira. Aqui está a primeira correção que os arquitetos deveriam fazer; e não só os arquitetos como os que se ligam aos planos urbanos: é que a idéia de planejamento, enquanto dentro desses critérios arquitetônicos, urbanísticos, não resolve nada se não for parte do planejamento universal. O mal é que nós assumimos a responsabilidade de curar feridas sangrentas dos nossos meios urbanos através de um planejamento isolado do planejamento geral, e este muitas vezes não coincide com o nosso. Isso não nos leva a um nível de maior

desânimo porque, se não segurarmos com força a pequena bandeira das possibilidades de mostrar, através de pequenos exemplos, o que poderia ser feito, certamente então teremos que pôr de lado, logo de saída, as nossas mais caras esperanças. Acredito que exista, para a criatividade arquitetônica em geral (quando falo em atividade arquitetônica falo de um setor largo, desde o planejamento geográfico, ambiente, até o desenho dos objetos, linguagem das mensagens urbanas, etc.), como que uma censura subliminar, feita das mais variadas formas: a justificativa tecnológica, o custo menor, o prazo, a viabilidade, toda uma temática de sociologia imobilizadora das condições existentes.



As dimensões que faltam

Joca Serran ocupa no escritório da CEPAL, no Rio, o cargo de coordenador da parte brasileira do Inventário dos Problemas do Meio Ambiente na América Latina e dos Projetos de Desenvolvimento Urbano para o Governo Brasileiro. Integrante de várias diretorias do IAB-GB, do qual foi também presidente, representante do Conselho Superior junto ao Grupo do Habitat da União Internacional de Arquitetos, colaborador dos Planos de Desenvolvimento Urbano de Nazaré da Mata, de Três Rios, de Betim e de Mendes, entre outros, assim como membro do grupo de estudos do Metrô do Rio, Joca Serran apresentou este ano, no XII Congresso Internacional de Arquitetos, em Madri, o trabalho "El habitat en América del Sur".

É necessário conceituar a nova sociedade brasileira, caracterizar seus principais desafios, examinar as diversas hipóteses do que se poderia compreender como arquitetura contemporânea, para, então, concluir se as respostas têm sido ou não satisfatórias.

Em termos de novidade social no país, entendo que os principais aspectos a destacar seriam o acelerado crescimento da população e sua concentração em cidades, especialmente nas grandes metrópoles. A partir desse entendimento da questão, os novos

desafios expressam-se em termos de problemas urbanos e regionais, e não mais de edifícios isolados. Vale dizer que é preciso pensar em termos de organização espacial de grandes contingentes humanos, a níveis nacional, regional e local, para uma população sem recursos, e de soluções para um pequeno grupo às voltas com problemas decorrentes do consumo indiscriminado. Em termos mais rasteiros, favelas e viadutos.

Em sua essência, a arquitetura estaria diretamente relacionada com a arte, a ciência e a técnica de organizar espaços para as diferentes atividades do ser humano. Tomada em seu estrito senso, ela seria o resultado do trabalho de uns quantos "eleitos", os arquitetos "colunáveis" — aqueles que ocupam as colunas de jornais ou páginas de revistas. Neste caso, o melhor testemunho desta compreensão será Brasília, na medida em que é uma cidade nascida de uma prancheta e construída a partir do nada, do traço de arquitetos reconhecidamente capazes profissional e intelectualmente, e com um impacto sobre a opinião pública mundial sem precedentes no país.

Contudo, há os que consideram a arquitetura como o resultado do trabalho de uma categoria profissional, entendida esta como uma parcela da população que detém o direito de exercer, exclusivamente, uma determinada atividade, isto é, todos os arquitetos diplomados pelas universidades e registrados nos CREAS. No caso, os exemplos mais evidentes da arquitetura contemporânea seriam o conjunto de obras resultantes da especulação imobiliária, inclusive viadutos e obras conexas e as vilas habitacionais do BNH.

Finalmente, para uns poucos, dentre os quais nos incluímos, a arquitetura seria o resultado do labor construtivo de toda a população, ou seja, qualquer obra realizada em termos de organização do espaço, sem levar em conta as características de seus autores. Aqui, a arquitetura contemporânea seria consubstanciada pelas cidades brasileiras, com suas áreas privilegiadas, cercadas de um casario desordenado — suas favelas, malocas e mocambos.

Entendendo a arquitetura como algo que tem a ver com o conjunto da sociedade, envolvendo o poder público e as iniciativas privadas, e não somente os arquitetos, nós somos levados a concluir que ela não vem respondendo de maneira satisfatória aos desejos propostos pela sociedade contemporânea brasileira, pelo simples fato de não ter ainda incorporado a dimensão urbana e regional em suas cogitações.